

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Reparação	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: TUDO O QUE PRECISO.....	2
Título: Comando de agência de mineração tem ex-Vale e políticos do setor	2
Título: Histórico profissional não conflita com cargo, dizem diretores	5
VEÍCULO: O Globo	6
Título: Até para evitar tragédias como as de Brumadinho e do Fla.....	6
Título: Sem mudança.....	6
Título: As mineradoras precisam chamar os oncologistas	7
Título: TEM QUEM QUEIRA	8
Título: Barragem tinha histórico de alterações e soluções emergenciais.....	9
Título: O pesadelo de quem escapou da lama de rejeitos	11
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	14
Título: Os alvos do lobby na Esplanada	14
Título: Inhotim volta a receber visitantes	16

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 10/02/2019****Seção: Colunas****Autor: Sonia Racy****Título: Reparação****Direto da fonte**

A Vale discutiu, na sexta-feira, a indenização de seus trabalhadores vitimados em Brumadinho, em encontro com o Ministério Público do Trabalho, conforme adiantou o blog da coluna. Segundo o advogado Maurício Pessoa, que representa a mineradora, a proposta prevê indenização – por pagamentos mensais – às famílias dos falecidos, além de dar plano de saúde e auxílio educação. Seriam pagos R\$ 300 mil aos cônjuges e a cada filho das vítimas, além de R\$ 150 mil ao seu pai, R\$ 150 mil à mãe e R\$ 75 mil a cada irmão. Sem que as doações de R\$ 100 mil recebidas pelas famílias fossem abatidas desses valores. Nova audiência está marcada para a próxima sexta-feira.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 10/02/2019****Seção: Colunas****Autor: Daniela Lima****Título: TUDO O QUE PRECISO****Painel**

O Ministério Público Federal decidiu não recorrer da decisão do STJ que libertou três engenheiros da Vale e dois da TÜV SÜD. Os procuradores avaliam que têm material suficiente para a investigação e que os envolvidos não representam mais ameaças às provas sobre a tragédia em Brumadinho.

Está escrito

Os documentos colhidos reforçam a tese de que a Vale sabia do perigo de rompimento da barragem.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 10/02/2019****Seção: Mercado****Autor: Joana Cunha e Nicola Pamplona****Título: Comando de agência de mineração tem ex-Vale e políticos do setor**

Investigada por crime ambiental também faz parte da cúpula da recém-criada ANM

A ANM (Agência Nacional de Mineração), responsável pela fiscalização das mineradoras do país, tem em sua diretoria um ex-funcionário da Vale, um ex-deputado e técnicos ligados a políticos de regiões produtoras.

A cúpula do órgão é composta por cinco membros, todos nomeados pelo ex-presidente Michel Temer (MDB) para mandatos de dois a quatro anos, em um processo criticado pelo componente político.

Criada em 2017, mas com início das atividades em dezembro de 2018, a agência vive sua primeira grande crise com o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG).

Nomes do mercado e ligados ao PSDB e ao MDB reforçam a percepção interna de ação política por vagas no órgão, que tem em Minas Gerais uma das principais áreas de atuação.

A ANM herdou estrutura, atribuições e pessoal do extinto DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral).

Servidor de carreira desde 1984, o diretor-geral, Victor Bicca, é o único egresso do comando do antigo órgão.

Sob seu mandato no DNPM, em 2016, a Polícia Federal deflagrou a Operação Timóteo, na qual investigava corrupção em cobranças de royalties da exploração mineral. Foi então preso um diretor. Bicca não foi alvo das apurações.

Entre os indicados à ANM estão também Tasso Mendonça, funcionário de carreira da Petrobras que ocupava na época a Superintendência de Mineração da Secretaria de Desenvolvimento de Goiás — estado governado pelo PSDB, na gestão de Marconi Perillo —, e Débora Puccini, que foi diretora no Departamento de Recursos Minerais do Rio de Janeiro.

A aprovação do nome de Puccini foi conflituosa. Sua indicação chegou a ser suspensa por ser ré em um processo no Rio de Janeiro para apurar suspeita de crime contra a administração ambiental.

Na sabatina de Puccini no Senado, em novembro de 2018, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que votou contra seu nome, criticou o então ministro de Minas e Energia, Moreira Franco, pela indicação.

Na ocasião, Puccini disse que o Ministério Público a investigou por praxe e que não havia decisão sobre a acusação.

As indicações para a direção da ANM foram feitas em maio. Em agosto, antes da sabatina no Senado, Temer substituiu dois nomes técnicos.

Para seus lugares, foram apontados Eduardo Leão, que trabalhou para a Vale como funcionário ou terceirizado entre 2007 e 2015 e depois passou pelo governo do Pará na gestão Simão Jatene (PSDB). O Pará é um dos maiores produtores de minério do país.

Outro escolhido foi Tomás Filho, eleito deputado estadual pelo PSDB em 2006, que se filiou ao MDB em abril de 2018, quatro meses antes de sua indicação. Tomás é filho do prefeito de Santa Quitéria, município cearense que tem um projeto em processo de licenciamento ambiental para explorar urânio e fosfato associados em uma jazida.

No DNPM, servidores apontavam também disputas entre grupos ligados ao deputado Aécio Neves (PSDB) e Leonardo Quintão (MDB-MG), relator do Código da Mineração. Minas Gerais também é um estado produtor de minérios.

Quintão foi uma das lideranças da “bancada das mineradoras” no Congresso. Hoje, ocupa a Subchefia de Assuntos Parlamentares da Casa Civil, subordinada ao ministro Onyx Lorenzoni.

No DNPM, em 2017, a indicação do ex-vereador Pablo César de Souza, ligado a Aécio, para chefiar a regional mineira provocou um pedido de demissão coletiva de 21 servidores do órgão insatisfeitos com a inexperiência do nomeado.

Desde a tragédia de Brumadinho, a ANM se manifestou publicamente em poucas ocasiões. No dia do desastre, divulgou nota afirmando que tomaria “medidas institucionais cabíveis, visando auxiliar na mitigação dos danos”.

No texto, diz que a Vale havia apresentado declarações de estabilidade e que as informações prestadas pela empresa ao sistema de segurança de barragens não apontavam problemas na estrutura.

Quatro dias depois, anunciou que, ainda no dia 25, determinara a interdição do complexo da mina Córrego do Feijão, onde estava a barragem.

No dia 1º, a agência enumera medidas tomadas para melhorar a segurança de barragens após o acidente de Mariana, em 2015, e reforça que os dados apresentados pela Vale não apontavam problemas.

Na quarta-feira (6), em entrevista à Folha, Leão defendeu as medidas adotadas pela ANM para elevar a segurança após Mariana, mas reconheceu que as regras atuais não foram suficientes para evitar nova catástrofe.

O diretor disse que o órgão vem estudando medidas adicionais e deveria em breve publicar portaria exigindo que as companhias alterem as características de todas as 88 barragens com alteamento a montante, como as de Mariana e Brumadinho, no país.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 10/02/2019

Seção: Mercado

Autor:

Título: Histórico profissional não conflita com cargo, dizem diretores

Outro lado

Procurada, a ANM enviou manifestações individuais dos diretores Eduardo Leão, Débora Puccini, Tasso Mendonça e Tomás Filho.

Para Leão, a atuação na Vale o capacitou para o setor público. “Foi um aprendizado, pois lá tive contato com a área mineral, principalmente na implantação de grandes projetos, coisa que normalmente o setor público não tem”, afirma.

Leão afirma que, quando trabalhou no Pará, após deixar a Vale, fiscalizou e multou a empresa. “Apliquei multas e notificações. Em torno de R\$ 30 milhões. Em 2018, fui contra a renovação antecipada da concessão da ferrovia de Carajás.”

Débora Puccini diz que ela própria apresentou à Casa Civil a informação de que era acusada em ação movida pelo Ministério Público estadual, que, segundo ela, confundiu as atribuições do órgão de mineração e geologia estadual ao qual pertencia com órgão de licenciamento ambiental.

“No decorrer do trâmite jurídico se mostrará improcedente, não passando de um equívoco, o que no meio científico é comum. Atualmente, no serviço público, qualquer cargo de chefia e responsabilidade está sujeito a denúncias, procedentes ou não, e investigações pelos órgãos fiscalizadores”, disse.

Tasso Mendonça afirma que “em 57 anos de vida profissional nunca assinou uma ficha de filiação partidária”.

Tomás Filho diz que não é mais filiado a partido.

Sobre Santa Quitéria, município do qual seu pai é prefeito, diz que “não há razão alguma de impedimento” porque o projeto “não será licenciado pela ANM e sim pela Cnen (Comissão Nacional de Energia Nuclear)”

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/02/2019

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Até para evitar tragédias como as de Brumadinho e do Fla

Uma das preocupações de Roberto Castello Branco, novo presidente da Petrobras, é com o aumento de furto de combustível com perfuração de dutos operados pela subsidiária Transpetro. Acredite: esses casos subiram de 72, em 2016, para 261 no ano passado. Um salto nas alturas de 263%. As medidas passam por reforço na fiscalização e uma campanha de esclarecimento, notadamente aos moradores que vivem às margens desses dutos.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/02/2019

Seção: Colunas

Autor: Lauro Jardim

Título: Sem mudança

ECONOMIA

Por enquanto, a diretoria da Vale fica. Este é o veredito dos acionistas. Repita-se, por enquanto.

Quando o carnaval passar

A venda da Braskem para a Lyondell Basell está bastante adiantada. Já entrou na fase de redação dos documentos. Salvo algum imprevisto de última hora, é coisa para ser anunciada logo depois do carnaval.

Em boa hora

A transação, bilionária, terá o poder de destravar a tentativa de reestruturação da dívida da Odebrecht.

Novos velhos tempos

A Odebrecht ressuscitou o cargo de diretor de Relações Institucionais, cujo último titular foi o lobista e delator Cláudio Melo Filho. Contratou o executivo Alexandre Barreto Tostes para o posto. Tostes tem a genética dos novos tempos, adequada à Odebrecht, que precisa recompor suas relações no mundo do poder. É filho de um coronel e circula bem nos meios militares.

A Shell avança

A Shell anuncia em breve o seu ingresso no setor elétrico. Comprará uma participação no consórcio Marlim Azul, que tem como sócios o Banco Pátria e a Mitsubishi. Eles construirão em Macaé (RJ) a primeira termelétrica a ser abastecida com o gás natural do pré-sal.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/02/2019

Seção: Colunas

Autor: Elio Gaspari

Título: As mineradoras precisam chamar os oncologistas

Eduardo Leão, diretor da Agência Nacional de Mineração, reconheceu numa entrevista ao repórter Nicola Pamplona que “tanto a questão de barragens quanto a questão das multas já foram pauta no Senado e realmente não andaram.” Ele acredita que “tenha tido algum lobby para arquivar esses projetos.” Ex-funcionário da Vale, Leão acrescentou: “Infelizmente, tem empresas sérias, que a gente conhece, que em algum momento acabam formando um cartel que não permite esses avanços.”

Não podia ter sido mais claro. As mineradoras blindaram-se. Um projeto que elevaria o teto das multas para R\$ 30 milhões foi arquivado, e elas continuaram fazendo o que acham melhor, com multas de R\$ 3.600. (Um motorista que bebeu paga R\$ 2.934.)

Num paralelo que vem do comportamento das empreiteiras quando começou a Lava-Jato, o cartel das mineradoras precisa se livrar do pessoal da gastrite, ouvindo os oncologistas.

Os poderosos empresários tinham dores no estômago e tratavam da gastrite até que foram todos para a cadeia. Diante da realidade da Lava-Jato foram aos oncologistas e tiveram outro diagnóstico:

“Os senhores têm câncer no estômago, precisam passar por uma cirurgia e, em seguida, irão para a quimioterapia. Será um sofrimento e não posso dizer que ficarão curados.”

Sofreram o diabo, mas estão soltos.

Horas depois do desastre de Brumadinho, o presidente da Vale, Fabio Schvartsman, deu uma entrevista na qual admitiu que não sabia por que as sirenes da barragem ficaram em silêncio. Sete dias depois informou que “a sirene foi engolfada pela queda da barragem antes que ela pudesse tocar.” Schvartsman entrou no modo gastrite, pois sirenes tocaram dois dias depois, quando houve risco de rompimento de outra barragem.

Os doutores da gastrite não põem a cara na vitrine e escalam os marqueses para o papel de bobo. Essa atitude decorre de um sentimento de onipotente impunidade. (Quem se lembra das respostas arrogantes de Marcelo Odebrecht no início da Lava-Jato sabe o que é isso.)

Na sua primeira entrevista, Schvartsman mostrou que a empresa alemã Tüd Süd jogou a Tüd na lama. Agora o engenheiro Makoto Namba, signatário do parecer, diz que se sentiu pressionado pela Vale para assiná-lo. Até aí, tudo seria uma questão subjetiva. A Polícia Federal mostrou a Namba uma troca de mensagens inquietantes de funcionários da Vale para colegas da Tüd, ocorrida dois dias antes do desastre, e perguntou-lhe o que faria se o seu filho estivesse na barragem. Ele respondeu:

“Após a confirmação das leituras, ligaria imediatamente para seu filho para que evacuasse do local bem como que ligaria para o setor de emergência da Vale responsável pelo acionamento do Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração para as providências cabíveis.”

A Vale está atarantada no varejo porque seu comportamento no atacado orienta-se pelo protocolo da gastrite. O problema das empreiteiras estava no câncer do cartel, acima do varejo das propinas. Felizmente, quem usou a palavra demoníaca pela primeira vez foi o diretor da Agência Nacional de Mineração.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/02/2019

Seção: Colunas

Autor: Ascânio Seleme

Título: TEM QUEM QUEIRA

O lamaçal provocado pela Vale ainda nem secou e já tem gente disputando o cargo do presidente Fábio Schvartsman. Muito curioso isso. Considerando que a Vale tem outras tantas barragens que ameaçam a vida de dezenas de milhares de pessoas, cabe perguntar porque alguém haveria de querer comandar a companhia. Por que será que tem gente querendo esta espada sobre a cabeça?

VEÍCULO: O Globo**Data: 10/02/2019****Seção: O País****Autor: DIMITRIUS DANTAS****Título: Barragem tinha histórico de alterações e soluções emergenciais**

Consultores em geotecnia apontam que reservatório de Brumadinho apresentava problemas desde os anos 1980

Uma história de projetos alterados, imprudências e soluções emergenciais. A pedido do GLOBO, três consultores em geotecnia, área que une engenharia e geologia, analisaram os relatórios feitos em 2017 e 2018 pela empresa alemã Tüv Süd, responsável por atestar a segurança da barragem I do Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG). De acordo com os profissionais, há indícios de que a estrutura já enfrentava, desde a década de 1980, problemas que podem ter contribuído para o desastre com mais de 150 mortos.

Entre 1982 e 1990, a empresa Tecnosan projetou cinco degraus de três metros cada para a barragem. Mas o plano não foi seguido, e os degraus foram construídos com alturas diferentes. Em um deles, os projetistas optaram por mudar a técnica de construção. Até aquele momento, toda a estrutura havia sido feita a montante, o método mais barato. Em um dos trechos, porém, erguido em 1984, foi adotando um modelo mais caro e eficaz, conhecido como "linha de centro".

Segundo os geólogos ouvidos pelo GLOBO, a troca pode ser um indicativo de que a empresa encontrou sinais de instabilidade na estrutura. Dois anos depois, em 1986, a Tecnosan decidiu cobrir todos os degraus já construídos com uma nova estrutura, o envelopamento. O problema, na visão dos três técnicos consultados pelo GLOBO e dos engenheiros da Tüv Süd, foi que o projeto não previu um dreno de fundo, algo que equivaleria a um ralo de piscina, responsável por levar a água da barragem para fora.

MUDANÇAS NO PROJETO

Os relatórios da Tüv Süd são claros ao dizer que a ausência de um dreno é uma imprudência. Na tragédia de Mariana, ocorrida há três anos, um defeito no dreno foi um dos fatores que levaram ao rompimento.

Sobre as obras realizadas neste período, a Vale informou que elas tiveram a intenção de melhorar segurança e a drenagem da barragem. "Este objetivo foi alcançado, o que pode ser comprovado nos projetos das etapas subsequentes".

O GLOBO não encontrou a Tecnosan.

Nove anos depois, em 1995, outro problema. Uma nova empresa, a Tecnosolo, constatou que toda a estrutura estava abaixo dos níveis de segurança recomendados — um índice inferior a 1,3, quando o recomendado é 1,5. A situação forçou uma mudança na estrutura da barragem, com a construção de um recuo para o empilhamento de novos níveis de rejeitos, como se fosse um degrau mais largo de uma escada em curva. Segundo geólogos, era esse o ponto de maior fragilidade da barragem e foi o possível local de rompimento.

— A razão para essas modificações foi a infiltração de água e, 20 anos depois, continuava tendo o mesmo problema. Já era um ponto de fraqueza em 1995 — explica Alberto Pio Fiori, professor livre-docente da USP.

Para ele, o nível de água diminuiu a coesão da estrutura da barragem. Seria o equivalente a ter milhares de toneladas dos degraus sobre um colchão de água:

PONTO DE RUPTURA

— Se você olhar nas imagens do desabamento, foi exatamente no ponto do recuo que aconteceu a ruptura da barragem — diz.

O consultor Carlos Manoel Nieble afirmou que a construção do recuo é um sinal de que foi detectado algum risco na estrutura.

Com relação a essas obras, a Vale informou que a mudança do eixo buscou melhores condições de segurança. Segundo a empresa, o projeto deu certo, já que os alteamentos feitos depois disso mantiveram índices de segurança acima de 1,5.

Em nota, a Tecnosolo afirmou que faz os projetos e que cabe às empresas donas da barragem executarem. “Em seguida aos projetos, diversas empresas construtoras executaram as obras projetadas. Tem que ser visto se essas obras foram de fato executadas como projetadas”, afirma a empresa.

Nos pontos próximos ao recuo e abaixo dele, os engenheiros daTüv Süd encontraram uma série de problemas, como trincheiras solapadas, o surgimento de água no solo, o terreno parcialmente úmido (o que técnicos chamam de saturado) e drenos secos. Além disso, havia um escoramento de emergência numa área em que o solo começou aceder, indício de que havia um problema na estrutura.

— O dreno seco indica que esse dreno não funcionou. Se não funcionou, teriam que ter feito outro. Essa barragem, aparentemente, sempre teve um problema de nível de água alto — afirma o consultor Mauro Hernandez Lozano.

Ele critica a classificação de risco exigida pelo governo. Segundo a análise, a barragem em Brumadinho tinha dano potencial elevado, mas uma classificação de risco baixa.

— Claramente, a forma de classificar está errada. Eles pediram providências que, para mim, não foram tomadas. Nós lidamos todo dia com esse problema, a gente fala para fazer isso, isso e isso. Mas não querem gastar. Não só nessa barragem — afirma.

Segundo a Vale, “todas as recomendações e orientações,” feitas no relatório da Tüv Süd foram seguidas. De acordo com a companhia, “as razões do rompimento estão sendo investigadas’.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/02/2019

Seção: O País

Autor: BRUNO ABBUD

Título: O pesadelo de quem escapou da lama de rejeitos

Duas semanas após o desastre do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, 1.489 pessoas passaram por atendimento psicológico; estresse pós-traumático é um desafio para quem sobreviveu

Depois da tragédia, o trauma. É essa a ordem natural que vigora na mente do motorista Ricardo Aparecido da Silva, de 43 anos, um dos sobreviventes do desastre de Brumadinho (MG). Como ele, vários moradores, funcionários da Vale e de empresas terceirizadas e até socorristas passam por atendimento psicológico desde que a barragem da mineradora se rompeu, há 16 dias, deixando um rastro de destruição e morte.

Segundo a Vale, desde então foram feitos 1.489 atendimentos psicológicos na região de Brumadinho, a cerca de 60 quilômetros de Belo Horizonte. Dezenas de psicólogos, entre contratados pela Vale e voluntários, atuam para amenizar o sofrimento das vítimas e dos que trabalham na busca por desaparecidos.

No dia do rompimento da barragem, Ricardo, que trabalha para a transportadora TSL, terceirizada da Vale, dirigia um caminhão carregado de minério de ferro perto da portaria da empresa, um local por onde costumava passar cerca de dez vezes ao dia. Ouviu no rádio do veículo alguém narrando um acidente com outro caminhão, que havia se chocado contra um tronco. Era a onda chegando em ação. Na sequência, veio o estrondo, e a lama se chocou contra a sua porta.

— Achei que fosse uma ventania. Se meu caminhão não estivesse carregado, com peso, a onda teria me levado também. Nunca vou esquecer. Se fecho os olhos, vejo tudo de novo — lembra.

Ricardo engatou a ré, pisou fundo e conseguiu desvencilhar o veículo do lamaçal. Assistiu de perto ao horror: caminhões, tratores, postes, fios e, no meio do caos, uma mulher era arrastada na sua frente. Ricardo e um colega conseguiram salvá-la. Era Paloma da Cunha, de 23 anos, uma das primeiras vítimas encontradas com vida.

—A única coisa que ela fez foi pedir para buscar o marido e o filho. Foi uma questão de segundos. Estava quase desfalecendo. Se demorássemos mais um segundo, teria morrido — rememora Ricardo.

Uma semana depois da tragédia, Ricardo, que vinha evitando assistir às reportagens sobre o episódio, que dominavam o noticiário na televisão, acabou se deparando com os vídeos gravados por câmeras da Vale na mina do Córrego do Feijão. O trauma dele também contaminou sua esposa, Juliana Márcia da Silva.

—A Juliana não quer nem ver o vídeo. Na hora que falei a ela, ficou apavorada, não quer ver mais nada. Agora é deixar as coisas se acalmarem e ver o que Deus pode fazer. Inclusive agora estamos indo ali enterrar uma colega nossa que era operadora e morreu na lama—disse.

VÍDEO E SENTIMENTO

As gravações da Vale mostram o momento em que a barragem de rejeitos da mineradora cedeu, arrastando com violência tudo o que havia pela frente. Juliana enviou uma mensagem ao GLOBO contando o impacto que aquelas imagens tiveram no marido.

— Ele ficou meio confuso depois de ver esses vídeos. Até saí com ele, mas tive que voltar, porque ele não estava se sentindo bem, a cabeça não estava bem. Ficou muito chocado. É uma sensação estranha. Quando a gente pensa que está acabando, vêm esses vídeos e provocam tudo de novo.

Juliana se lembra quando recebeu a notícia do rompimento da barragem. Estava em casa, no município de Mário Campos, perto de Brumadinho, preparando almoço, quando recebeu uma mensagem religiosa no Facebook, que costuma acessar raramente. O texto dizia que passaria em breve por um “livramento”. Minutos depois, o marido telefonou, contando ter se salvado da tragédia.

Duas semanas depois do rompimento da barragem, Ricardo calcula ter perdido em torno de 50 colegas de trabalho no desastre. Alguns, contudo,

sobreviveram. Um deles, o motorista Leandro, decidiu trancar-se em casa depois do episódio, conta Ricardo. Depois foi viajar, para esquecer do que viveu. O GLOBO tentou entrar em contato com ele.

— Não estou querendo entrar em detalhes sobre isso, não — disse.

Outros sobreviventes preferem falar. É o caso do operador de máquinas Marco Antônio Ribeiro. Na ocasião, ele havia acabado de almoçar e deixava o refeitório da mineradora, uma das áreas mais atingidas pelo rompimento, quando flagrou o lamaçal correndo na sua direção.

— Senti um vento, depois ouvi um barulho de mar. Quando olhei, vi uma onda de água e, atrás dela, uma massa de lama de 30 metros de altura, do tamanho de dois postes e meio. Vi o telhado de um galpão vindo na minha direção — conta, com olhar inquieto.

Ele então avistou colegas em pânico tentando subir na caçamba de uma caminhonete. Marco Antônio também correu para o veículo, mas não o alcançou a tempo.

Conseguiu agarrar a canela de um dos operários antes que a lama lhe tragasse. A caminhonete saiu em disparada até chegar a um lugar seguro. Dos amigos com quem havia acabado de almoçar, nenhum sobreviveu.

— Não estaria aqui se não fosse por um milagre — disse, na casa onde mora no bairro Tejuco, minutos depois de acompanhar mais um enterro de um colega engolido pela lama.

Assim como ele, os funcionários da mineradora que assistiram ao desastre passaram por atendimento psicológico em Belo Horizonte. A recomendação dos psicólogos, conta, é para que os sobreviventes falem abertamente sobre o que viram, uma maneira de dar vazão ao trauma.

No início de fevereiro, o Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo, enviou dois médicos especialistas em Medicina de Desastre para Brumadinho. Até 15 de fevereiro, eles devem permanecer na cidade para coordenar uma equipe de 19 psicólogos dedicados a atender os socorristas envolvidos nas buscas por sobreviventes.

A Vale oferece atendimento psicológico em oito pontos na região de Brumadinho e também por telefone.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data:** 10/02/2019**Seção:** Política**Autor:** Leonardo Cavalcanti**Título:** Os alvos do lobby na Esplanada

Os primeiros dias do governo Jair Bolsonaro mostram como os representantes de setores econômicos têm se movimentado na Esplanada e como a própria equipe ministerial interage com os grupos de pressão. Levantamento nas agendas públicas dos integrantes do primeiro escalão revela que as pastas mais procuradas por dirigentes de empresas privadas são, por ordem, Infraestrutura, Agricultura e Minas e Energia. Os grupos mais atuantes ao longo desse período são de logística, transportes, financeiro, energia, agronegócio, alimentos, energia, óleo e gás, mineração, financeiro e tecnologia.

No ranking das reuniões com os setores econômicos, o ministro de Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, participou de 22 encontros com empresas de transportes, logísticas, financeiras e de transmissão de energia. Empatados em segundo lugar, com 20 agendas cada, estão os titulares das pastas de **Minas e Energia, Bento Albuquerque**, e da Agricultura, Tereza Cristina. Receberam integrantes de áreas afins aos ministérios, como energia elétrica, óleo e gás, mineração, agronegócio e indústria alimentícia. Logo atrás, com 18 encontros, está o chefe da Economia, Paulo Guedes, que se reuniu com atores financeiros e de tecnologia digital.

“O fato de os dois ministros com o maior número de reuniões até 6 de fevereiro serem Tarcísio Freitas e Bento Albuquerque coincide, não por acaso, com o destaque que os setores de infraestrutura e energia terão no governo de Jair Bolsonaro”, afirma Thiago Vidal, analista político da Prospectiva Consultoria, que fez o levantamento das reuniões no mês de janeiro e o atualizou a pedido do Correio. “É importante ficar atento para os investimentos que o governo tentará atrair para ambos os segmentos”, diz Vidal.

O analista divide os planos do governo em duas partes: “Garantir crescimento econômico — as estimativas do mercado financeiro para o PIB são de 2,5% para 2019, 2020 e 2021, o que depende de privatizações e concessões — e retirar do Estado a responsabilidade por esses investimentos, diferentemente do que ocorreu nos governos do PT, tanto por convicção ideológica quanto por incapacidade fiscal de fazê-lo”. O chefe da pasta da Transparência (CGU), Wagner Rosário, teve cinco reuniões com profissionais de relações governamentais.

Decreto

Em entrevista ao Correio, Wagner Rosário disse que o Planalto está prestes a divulgar decreto específico para regulamentar o lobby no Executivo. “A ideia é estabelecer um espaço único para as agendas de ministros e facilitar o trabalho de checagem, apresentando os nomes dos interlocutores, os assuntos tratados e até mesmo as sanções para servidores que descumprirem normas, tudo em dados abertos.” O texto já foi apresentado ao ministro da Justiça, Sérgio Moro. A expectativa é de que os trabalhos estejam concluídos em março e sejam implementados até o final do primeiro semestre.

Três perguntas para

Rodrigo Navarro, coordenador do curso de relações governamentais da FGV

Existe uma mudança na estratégia de relações institucionais no governo Bolsonaro?

Como todo novo governo, você tem mudanças de cargos, pessoas, responsabilidades, ministérios que se fundiram. O primeiro desafio é fazer esse mapeamento. É o tal do quem é quem. Até porque não é só a mudança de uma pessoa, ministro ou secretário. Hoje o ministério da Economia tem várias funções agregadas, por exemplo. É preciso saber quem será o interlocutor. Todo governo novo tem pressa em mostrar um bom serviço, e o profissional de relações institucionais tem de ter em mente que ele tem de criar valor, o que é bom para o setor representado, mas que seja bom também para o governo, para ele arrecadar mais, fomentar mais inovação, mais geração de emprego, mais investimento e também para a sociedade. É preciso levar dados, mas também apresentar sugestões para solução de problemas. É preciso o tempo de bola também para saber quais os assuntos estão na pauta. Conteúdo tem de ser meritório, a forma, transparente, trazendo dados, e o time. Por exemplo, buscar mais incentivo ou proteção ou aumentar o gasto público, certamente, por mais meritório, não é o time adequado.

Mas quais as diferenças?

No ponto de vista técnico, você tem o peso das ferramentas digitais. O presidente se comunica mais pelas redes sociais, questões são debatidas com muitos interlocutores. Uma proposta vaza e rapidamente é tema de discussão, por exemplo. Mas também temos os eixos dos interlocutores: o militar, a equipe econômica e a parte política, que atuou na eleição para a Mesa do Senado. É preciso entender o comportamento desses atores.

A gritaria das redes sociais atrapalha ou ajuda?

Às vezes, atrapalha, às vezes ajuda. Cabe a quem está no jogo tirar o melhor da situação. Um parlamentar que coloca o projeto dele ao escrutínio tem muito mais chances de acertar em relação àquele que recebe meia dúzia de pessoas no gabinete, ainda com transparência, para contribuir.

“A ideia é estabelecer um espaço único para as agendas dos ministros e facilitar o trabalho de checagem, apresentando os nomes dos interlocutores, os assuntos tratados e até mesmo as sanções para servidores que descumprirem as normas, tudo em dados abertos”,
Wagner Rosário, ministro da Transparência e Controladoria Geral da União (CGU)

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 10/02/2019

Seção: Brasil

Autor: Antonio Grassi, diretor executivo do museu

Título: Inhotim volta a receber visitantes

Quinze dias após a tragédia de Brumadinho, o Instituto Inhotim reabriu suas portas na manhã de ontem, em meio aos esforços de funcionários para tentar superar as perdas de parentes e amigos. O museu a céu aberto, localizado a 18 km do ponto onde a barragem se desfez, não foi afetado pelo acidente, mas havia sido fechado em respeito às vítimas do desastre, muitas delas familiares de empregados do local.

Assim que as atividades se iniciaram, o diretor executivo do museu, Antonio Grassi, reuniu visitantes, funcionários e imprensa no icônico Tamboril, onde uma árvore centenária, à beira do lago, simboliza um pouco da vegetação que se perdeu com a tragédia. Ele pediu um minuto de silêncio em homenagem às vítimas e, depois, falou sobre a necessidade de esforços para retomar a vida.

“Reabrir o Inhotim é sinalizar que existe possibilidade de reconstruir as coisas. É uma afirmação nossa de que estamos vivos, de que a vida continua e pode ser melhor arquitetada daqui para frente. O Inhotim que surge também é um novo Inhotim, assim como Brumadinho será uma nova cidade”, disse Grassi.

Ele estima que nas duas semanas em que o museu ficou fechado, cerca de 20 mil pessoas podem ter deixado de visitá-lo. Essa costuma ser a média para o período. Quando a barragem rompeu, em 25 de janeiro, pelo menos 500 pessoas visitavam o parque e foram retiradas imediatamente, por precaução. Guias e condutores trabalharam no atendimento das pessoas, mesmo sabendo que podiam ter parentes e amigos debaixo dos rejeitos. Cerca de 80% dos 600 funcionários do museu são da região de Brumadinho.

Entre os mais de mil visitantes que foram ao local ontem, um grupo também buscava homenagear seus mortos. “Tenho certeza de que o Luiz, a Camila, a Fernanda teriam orgulho do que teriam visto aqui se não tivessem sido assassinados. Teriam tido muito orgulho do Brasil por ter um parque como esse”, disse Vagner Diniz, padrasto de Luiz e Camila Taliberti Ribeiro da Silva, que estavam na Pousada Nova Estância, soterrada pela lama de rejeitos de minério de ferro da Vale.

Também perderam a vida na pousada a namorada de Luiz, Fernanda Damian de Almeida, grávida de cinco meses, o pai biológico dos dois irmãos e a madrasta deles. No dia da tragédia, estavam todos em Brumadinho para visitar o museu. Luiz e Fernanda moravam na Austrália e estavam de férias no Brasil. “Meu filho não conhecia Inhotim. Ele queria vir aqui e depois visitar Tiradentes”, contou Vagner.

Ele, a mulher, Helena Taliberti, e os pais de Fernanda, estiveram ontem em Inhotim a convite da chef do principal restaurante do museu, Dailde Marinho, que conheceram enquanto ainda tentavam descobrir onde estavam os filhos, logo após o desastre. Os corpos de Luiz e de Camila foram encontrados, mas o de Fernanda, ainda não. “Viemos para agradecer todo o suporte que ela nos deu. E viemos ver o que eles queriam ver”, conta, emocionado.

O condutor Halison de Paula Lopes, de 19 anos, calcula que conhecia mais de 80 pessoas da lista de mortos ou desaparecidos. “Meu padrinho de crisma trabalhava no setor de máquinas da mina. Tinha também muitos amigos. Na hora do desastre, só pensei que seis pessoas da família trabalhavam na empresa, mas não sabia quem estava lá ou não. Depois, soube que alguns estavam de férias, outros faziam o horário noturno. Só meu padrinho estava lá”, conta, emocionado.

“Reabrir o Inhotim é sinalizar que existe possibilidade de reconstruir as coisas. É uma afirmação nossa de que estamos vivos,

Antonio Grassi, *diretor executivo do museu*

MME / ASCOM .